

PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA NO BRASIL: DA AVENTURA À INSUBORDINAÇÃO

■ MARIA HELENA MENNA BARRETO ABRAHÃO

 <https://orcid.org/0000-0002-1278-4098>

Universidade Federal de Pelotas

RESUMO

Neste texto, opero com os conceitos *instituinte* e *institucionalização*, bem como com os constructos *aventura*, *desafio* e *insubordinação* para significar, no acontecendo, o movimento (auto)biográfico no Brasil com a expressividade do Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica (CIPA), a criação da Associação Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica (BIOGraph), da Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica (RBPAB) e das Diretorias Regionais da BIOGraph. Parto de elementos históricos desse movimento em outros países que nos ensinaram e influenciaram e trago a extensão desses movimentos no Brasil, especialmente no que se refere à pesquisa mediante História de Vida e à Pesquisa-Formação que foram, em meu entender, as primeiras modalidades metodológicas da Pesquisa (Auto)Biográfica operadas no país.

Palavras-Chave: Pesquisa (auto)biográfica. Aventura (auto)biográfica. Insubordinação (auto)biográfica.

ABSTRACT

(AUTO)BIOGRAPHICAL RESEARCH IN BRAZIL: FROM ADVENTURE TO INSUBORDINATION

In this text I operate with the concepts *instituting* and *institutionalization*, as well as with the constructs *adventure*, *challenge* and *insubordination* to signify, its happening, the (auto)biographical movement in Brazil with the expressiveness of the International Congress of (Auto)Biographical Research, the creation of Brazilian Association of (Auto)Biographical Research, the Brazilian Journal of (Auto)Biographical Research and the Regional Directorates Brazilian of the Association of (Auto)Biographical Research in Brazil. I start from historical elements of this movement in other countries that taught and influenced us and bring the extension of these movements in Brazil, especially with regard to research through Life History and Research-Training which were, in my opinion, the first methodological modalities of (Auto)Biographical Research operated in this country.

Keywords: (Auto)biographical research. (Auto)biographical adventure. (Auto)biographical insubordination.

RESUMEN INVESTIGACIÓN (AUTO)BIOGRÁFICA EN BRASIL: DE LA AVENTURA A LA INSUBORDINACIÓN

En este texto opero con los conceptos *instituyente* y institucionalización, así como con los constructos *aventura*, *desafío* y *insubordinación* para significar, en el tiempo, el movimiento (auto)biográfico en Brasil con la expresividad del Congreso Internacional de (Auto) Investigación Biográfica, la creación de la Asociación Brasileña de Investigación (Auto)Biográfica, la Revista Brasileña de Investigación (Auto)Biográfica y las Direcciones Regionales de la Asociación Brasileña de Investigación (Auto)Biográfica. Parto de elementos históricos de este movimiento en otros países que nos enseñaron e influyeron y traigo la extensión de estos movimientos en Brasil, especialmente en lo que respecta a la investigación a través de Historia de Vida y la Investigación-Formación que fueron, en mi opinión, las primeras modalidades metodológicas de Investigación (Auto)Biográfica operada en el país.

Palabras clave: (Auto)investigación biográfica. Aventura (auto)biográfica. Insubordinación (auto)biográfica.

Um breve olhar desde o início

Lembro que inicialmente as pesquisas qualitativas foram trabalhadas no campo da Antropologia, da Sociologia e da História, como emprego metodológico em pesquisas na problematização de questões sociais e históricas. As pesquisas qualitativas em Educação, com as quais muitos de nós – pesquisadoras e pesquisadores – iniciamos a operar na década de 1980, deveram-se primeiramente ao emprego da Pesquisa-ação, com base especialmente em Wilfred Carr e Stephen Kemmis (1986) e Michel Thiollent (1985), seguida da Pesquisa-participante, inspirada em Orlando Fals Borda (1977), Carlos Rodrigues Brandão (1981), Justa Ezpeleta e Elsie Rockwell (1986), entre outros. Também operamos com a História Oral, metodologia mais afeta a historiadores, com fundamento, entre outros, em Paul Thompson (1978) e, no

Brasil, com Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira, em obra editada em 1996 (quem não lembra da coletânea *Usos e abusos da História Oral?*), bem como na companhia de José Carlos Sebe Bom Meihy (1996), com *Manual de História Oral*.

Nessa esteira, inicialmente mais para o final da década de 1980, as pesquisas narrativas (auto)biográficas adentram, de maneira mais geral, no campo da Educação e se desdobram em múltiplas possibilidades para estudo, em um modo igualmente qualitativo de vivências e experiências havidas por docentes e alunos. Primeiramente, muitos de nós iniciamos a operar com o (auto)biográfico mediante pesquisas orientadas metodologicamente para o trabalho com Histórias de Vida, especialmente sob influência de Ivor Goodson (1981, 1992);

igualmente com influência de diversos autores constantes com texto no livro *O método (auto) biográfico e a formação*, editado em 1988, organizado por Antônio Nóvoa e Matthias Finger¹, e, ainda, o clássico, coordenado por Antônio Nóvoa, *Vidas de professores*, editado um pouco após, em 1992, dentre outros. Essa influência pode ser percebida em 2004, nos 21 textos que integraram, desde a Apresentação, o livro *A aventura (auto)biográfica: teoria & empiria* (Abrahão, 2004), com 600 páginas (599, em verdade), contendo uma Apresentação e 21 textos de autoria de pesquisadores do Brasil e do exterior. Esse livro serviu de base para a idealização e realização do I Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)biográfica (CIPA), ocorrido na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, de 8 a 11 de setembro de 2004, bem como para as apresentações dos autores, mediante uma conferência e em sete mesas temáticas, nesse evento que teve como tema geral justamente “A aventura (auto)biográfica”. Realmente, nesses textos e nessas apresentações realizadas no evento, a base epistemológica foi a Pesquisa (Auto)biográfica metodologicamente operada com Histórias de Vida, intencionalmente ou não com viés formativo. Inclusive, nessa primeira edição do CIPA, tivemos a participação de Ivor Goodson, um dos nossos autores de referência para o trabalho com Histórias de Vida enquanto metodologia de pesquisa, tratando do texto constante do mencionado livro, intitulado *Developing life and work histories of teachers* (Goodson, 2004), em uma das mesas temáticas. Também há textos – e apresentações no referido evento – que tratam de pesquisas operadas com História Oral. A única exceção foi a participação de Elizeu Clementino

1 Certamente, colegas não de lembrar que o livro estava esgotado e a dificuldade que a maioria de nós (senão todos) tivemos em ler o livro em cópia “xerox”, na qual havia manchas escuras em razão de máquinas ainda primitivas que manchavam a cópia, além de rubricas que o dono do livro havia feito no original!

de Souza (Souza, 2004), que estava concluindo a tese, havia realizado um estágio em Portugal e que trabalhou o respectivo texto sob o seguinte tema: “O conhecimento de si, as narrativas de formação e o estágio: reflexões teórico-metodológicas sobre uma abordagem experiencial de formação inicial de professores”; portanto, o único autor e participante do I CIPA que estava operando com Pesquisa-Formação.

Quanto à Pesquisa-Formação, de inspiração francófona, Gaston Pineau (2006) destaca historicamente três períodos desse movimento: nos anos 1980, a eclosão; nos anos 1990, a fundação; e, a partir dos anos 2000, o desenvolvimento diferenciado. No período de eclosão, menciona a publicação dos números 72 e 73 da revista *Education Permanente* como marco fundante na afirmação e desenvolvimento da articulação entre as histórias de vida² e o campo da formação; igualmente, menciona o colóquio realizado na Universidade de Tours, em 1986, como um momento de afirmação do que denomina de corrente das histórias de vida em formação, em virtude de que diferentes pesquisadores que já trabalhavam nessa linha tiveram oportunidade de trocar experiências, momento em que se pôde observar o desenvolvimento diferenciado de uma fundamentação teórica e metodológica dessa perspectiva no campo das Ciências da Educação.

Marie-Christine Josso (2018, p. 327-328) igualmente nos relata momentos iniciais da Pesquisa-Formação:

Eu tinha um grupo, um grupo pequeno, éramos três no início aqui em Genebra (Dominicé, Finger e eu). Havia 6 em Paris, 3 em Bruxelas e, em seguida, 1 no Quebec. Esse 1 no Quebec era Gaston Pineau, que estava trabalhando em uma história de vida, a de Marie-Michèle. Meu colega Dominicé conhecia Gaston Pineau

2 Costumo diferenciar História de Vida enquanto metodologia de pesquisa no âmbito do Paradigma (Auto)biográfico e história de vida com significado de narrativa de vida. Acredito que Pineau tenha utilizado essa expressão com esse segundo significado.

por meio de Bertrand Schwartz, o pioneiro da educação de adultos na França. Gaston Pineau, que vivia na época em Montreal e trabalhava na Faculdade de Educação Continuada, veio à Genebra. Conversamos muito durante esse primeiro encontro (1978). Depois Gaston Pineau nos colocou em contato com um grupo de pessoas de Paris, AFPA ligado à Bernardette e Guy Courtois Bonvalot. Era um núcleo de pesquisa sobre a formação continuada de adultos dentro da AFPA. Foram muitas discussões também com esses colegas. Também fomos à Bruxelas, à Louvain la Neuve para ser precisa. Gaston Pineau deixou Quebec e veio se estabelecer em Tours. Assim, era fácil encontrarmos-nos. Em 1986, Gaston organizou um congresso fundador para o grupo que chamamos de Histórias de Vida em Formação (jogando com a palavra Formação). Fundador porque saímos das sombras, se assim posso dizer³.

Assim, no campo das Ciências da Educação, a utilização da perspectiva teórico-metodológica das narrativas de vida vem associada à formação, entendida como processo permanente ao longo da vida. A literatura indica centros que desenvolveram essa abordagem, na década de 1980, como na Universidade de Genebra, em estudos com Marie-Christine Josso, Pierre Dominicé e Mathias Finger. No ano de 1983, ocorreu o lançamento do livro de Gaston Pineau, com Marie-Michèle, intitulado *Produir sa vie: autoformation et autobiographie*. Tanto em Genebra, como no Canadá, esse movimento coloca as narrativas de vida como possibilidade de Pesquisa-Formação e de autoformação.

Pesquisa em História de Vida no Brasil

Um dos grupos de pesquisa mais antigos do país a iniciar pesquisa com Histórias de Vida é o Grupo de Estudos, Ensino, Memória e Gênero (GEDOMGE) da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (Feusp), liderado por Denice Barbara Catani, o qual esteve re-

³ Explicitações em parênteses de Marie-Christine Josso.

presentado no livro já referido, bem como no I CIPA, com o texto: “Lugares sociais e inserção profissional: o magistério como modo de vida nas autobiografias de professores” (Catani; Vicentini, 2004). Observando o currículo lattes de Denice, essa prática iniciou-se em 2002, em pesquisa intitulada “Por uma história das relações com a escola: um estudo sobre as apropriações das práticas da vida escolar no Brasil (1890-1971)”, definida como projeto que trata

dos sentidos e formas de apropriação que os indivíduos constroem de suas experiências de escolarização, partindo de fontes produzidas entre 1890 e 1971 e caracterizadas principalmente pela sua escrita memorialística ou seu caráter de testemunho. Quanto ao seu lugar no quadro dos trabalhos por mim realizados, a pesquisa representa um ponto de convergência entre as temáticas de história da educação brasileira e o interesse específico pelas investigações ligadas às autobiografias e processos de formação⁴.

Anteriormente, em 1988, de nossa parte iniciamos a operar com essa metodologia no seio do GP Profissionalização Docente e Identidade – narrativas em primeira pessoa – Grupodoci/PUC/CNPq, atualmente denominado Profissionalidade Docente e Identidade – narrativas singulares/plurais (Grupodoci) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), registrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), operando com mestrandos e doutorandos do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação (Faced) da PUCRS, e com quatro bolsistas de Iniciação Científica (IC), duas do CNPq⁵ e duas da Coordenação de Aperfeiçoa-

⁴ Trecho extraído do currículo lattes de Denice Barbara Catani. Acessado em: 26 fev. 2024.

⁵ Essa pesquisa, aprovada em 1988, além das quatro bolsas de IC, obteve bolsa de Produtividade em Pesquisa do CNPq para a coordenadora do projeto e líder do Grupodoci, bem como materiais e equipamentos. Uma das bolsistas de IC, Rita Tatiana Cardoso Erbs, atualmente atuando na Universidade Federal de Catalão (UFCAT), foi, ao longo do tempo, nossa orientanda de mestrado, de doutorado e supervisionada em pós-doutorado, mediante bolsa do Programa

mento de Pessoal de Nível Superior (Capes). A pesquisa que desenvolvemos denominou-se “Relações de trabalho no modo não formal de produção e comercialização de bens: o princípio educativo subjacente (1988-1997)”, estudo que consta no currículo lattes, do qual registrei que nessa pesquisa

operamos com Histórias de Vida e realizamos um estudo escolhendo como campo de produção de dados e informações uma feira cultural, popularmente denominada Brique da Redenção, editada a cada domingo em Porto Alegre há mais de 30 anos, e que conta com mais de quatrocentos expositores entre artistas plásticos, artesãos e antiquaristas⁶.

Para produzirmos os dados e informações para esse estudo, trabalhamos com narrativas de vida de 29 expositores, além de filmagens, fotos e materiais documentais do Brique⁷. Essa pesquisa foi objeto de apresentação em eventos, textos em livros e revistas e um livro.

De 1998 em diante, vimos trabalhando metodologicamente com Histórias de Vida de educadores sul-rio-grandenses e coordenamos pesquisa nacional articulando em rede o trabalho de diversos grupos de pesquisa brasileiros que vêm operando com Histórias de Vida de educadores em diversos estados da federação. Essa pesquisa tem produzido apresentações em eventos, capítulos em livro e coletâneas com capítulos de autoria de líderes e integrantes desses grupos de pesquisa associados ao Grupodoci. Esse especial convívio, aprendizagem e relevante produção em rede estão descritos e avaliados em Abrahão (2018), com o significativo título: “Histórias de Vida de destacados educadores brasileiros: unidade

Nacional de Pós-Doutorado (PNPD) do CNPq-CAPES (2010-2012), bolsa essa destinada ao projeto de pesquisa em desenvolvimento pela supervisora.

6 Trecho extraído do currículo lattes de Maria Helena Menna Barreto Abrahão. Acessado em: 26 fev. 2024.

7 Documentos oficiais da Secretaria de Indústria e Comércio, órgão da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, ao qual o Brique está afeto: histórico, estatuto, folders etc.

na diversidade epistemológica de uma construção em rede de pesquisa”.

Pesquisa-formação no Brasil

No Brasil, é possível notar um fértil desdobramento dessas abordagens, anteriormente aludidas, em caminhos teórico-metodológicos nas pesquisas em educação, valorizando a narrativa reflexiva na formação inicial e continuada da pessoa. A maioria de nós, pesquisadoras e pesquisadores, contabilizamos a influência de Marie-Christine Josso e Christine Delory-Momberger para estruturarmos em nossos cursos de formação na universidade os Seminários de Pesquisa-Formação (Josso, 2002) e/ou os Ateliês Biográficos de Projeto (Delory-Momberger, 2003). Como sabemos, essas são práticas teórica e empiricamente bem fundamentadas e realizadas por essas autoras. No decorrer desses seminários e como “produto” dessas práticas, são construídos pelos sujeitos da própria formação belíssimos e potentes Memoriais de Formação. Muito embora a maioria de nós conhecêssemos a extensa tese de Marie-Christine Josso publicada com o título *Cheminer vers Soi*, em 1991⁸, a qual considero um memorial, especialmente começamos a estruturar nossos seminários e operar com Memoriais de Formação, um pouco mais tarde, a partir de 2000. Em recente texto publicado pela *L’Harmattan*, Souza e Passeggi (2023, p. 120-121, tradução nossa) nos trazem informações relevantes sobre esses momentos iniciais do trabalho com Pesquisa-Formação no Brasil:

Quanto à primeira teorização resultante da investigação sobre o memorial de formação (Passeggi, 2000), data portanto do início da década de 2000, o que constitui um primeiro marco para futuras investigações e confere legitimidade à utilização do memorial na formação de

8 Essa tese foi traduzida e publicada em livro no Brasil pela Editora Universitária da PUCRS (EDIPUCRS), em 2010.

professores, o que permanece válido até hoje. O interesse científico por esta escrita reflexiva levaria à criação de redes nacionais de pesquisa como a que reuniu os dois autores deste texto em um projeto nacional coordenado por Maria Helena Menna Barreto Abrahão, no Rio Grande do Sul e em dois estados do Nordeste: Bahia e Rio Grande do Norte. Apesar da distância de três a quatro mil quilômetros que separam as três universidades envolvidas e da diversidade cultural que caracteriza cada um dos três contextos de formação docente, o interesse despertado pelo memorial como prática reflexiva suscitou as frutíferas trocas de experiências e a busca de pesquisas teóricas e metodológicas que perduram até hoje. Os dados empíricos estudados pela equipe coordenada por Abrahão consistiram em histórias escritas por alunos de Mestrado e Doutorado que participaram dos ‘Seminários de Pesquisa-Formação’ que ela dirigiu na PUCRS, em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. O corpus estudado nos projetos desenvolvidos pelo GRAFHO, sob a coordenação de Souza, também foi composto por histórias de alunos de mestrado e doutorado em educação da UNEB de Salvador, na Bahia. Quanto aos dados empíricos utilizados por Passeggi e sua equipe, no âmbito dos projetos GRIFARS-UFRN, em Natal, no estado do Rio Grande do Norte, consistiram em memoriais de formação, escritos por professores do ensino fundamental em formação inicial no Instituto de Formação de Professores (IFESP), em Natal.

Complementando, na mesma publicação:

Como não existia um modelo de escrita para esse tipo de história, os três pesquisadores inspiraram-se no memorial acadêmico de Magda Soares, escrito em 1981 e publicado em livro dez anos depois. No âmbito da pesquisa realizada por Passeggi, a redação do memorial também foi inspirada na dissertação profissional (Fabre; Lang, 2000) elaborada para as necessidades dos Institutos Universitários de Formação de Professores (IUFM) na França. O ponto comum de nossa pesquisa foi conceber o memorial como um dispositivo de pesquisa-ação-formação ou de pesquisa-formação que tem como foco a promoção dos professores e sua capacidade de empoderamento e emancipação, o que não

acontecia até o início da década de 1990 (Souza; Passeggi, 2023, p. 120-121, tradução nossa).

Inobstante eu tenha também contribuído com um capítulo nesse belíssimo livro (Abrahão, 2023), preferi trazer à colação esses textos que muito bem representam esse movimento instituinte, no Brasil, da Pesquisa-Formação e dos Memoriais de Formação, construídos nesses espaços formativos.

Esse histórico parece-me relevante não só para rememorarmos nossos primeiros passos no desenvolvimento dos Seminários de Pesquisa-Formação com os inclusivos Memoriais de Formação, mas, especialmente, para nossos atuais colegas e alunos da graduação e da pós-graduação conhecerem o caminho nada fácil que foi desbravado com as dificuldades inerentes à realização de processos instituintes e, por isso, aventureiros, como esses ora relatados.

O Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica

Entendendo que o CIPA tem se consubstanciado em um movimento instituinte no Brasil que, ao longo desses 20 anos, tem sabido manter e, ao mesmo tempo, ampliar e diversificar os objetivos que lhes deram origem, postos, portanto, desde a primeira edição, em especial no que se refere a propiciar a aproximação entre pesquisadores de grupos de investigação em Pesquisa (Auto)Biográfica no Brasil e possibilidades de proporcionar oportunidades de pesquisa em rede dentre pesquisadores desses grupos com pares brasileiros de outros grupos e estrangeiros, referências para a maioria de nós. Isso parece-me fácil de entender em razão de que há época eram poucos os grupos de pesquisa conhecidos no país e, de modo geral, operavam de forma isolada, o que não propiciava trabalhos conjuntos entre pares de universidades nacionais e internacionais.

Com esse entendimento, tenho escrito, publicado e tratado em eventos sobre esse congresso, tentando registrar esse movimento no transcorrer do tempo. Assim, posso referir alguns desses registros dos quais trarei à colação alguns destaques. Trata-se do Prefácio ao livro *Autobiografias, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino* (Abrahão, 2006); da Apresentação ao livro *Pesquisa (Auto)Biográfica em rede* (Abrahão, 2012); de relato feito em 2022, no Simpósio *Gis Le Sujet Dans La Cité*, promovido pela Sorbonne Paris Nord e pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), e do capítulo intitulado “Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)biográfica: movimento instituinte da aventura à insubordinação” (Abrahão, 2024).

Nesse momento, também cabe lembrar de pesquisa realizada com colegas do Gruprodoci, relativamente as cinco primeiras edições do congresso – o que perfaz um espaço de tempo relativos a dez anos de existência do CIPA – essa condição foi por nós estudada, com destaque para os eixos em pesquisa escolhidos ao longo desse tempo e entendida positivamente, o que não elide a pertinência de novos estudos a respeito, inclusive complementando com as edições subsequentes do evento. Esse estudo foi publicado na íntegra em Abrahão, Frison e Barreiro (2016). Ainda em 2016, Bragança e Abrahão publicaram um artigo tratando, dentre outros aspectos, do aporte tridimensional dos resultados dessa pesquisa que, resumidos, entendemos que essas cinco edições do CIPA estão articuladas pelo sentido de valorização da formação humana que enlaça o material produzido nessas edições. A leitura desse material permite entender que o CIPA é um fórum que propicia avanços na produção científica de expressividade epistemo teórico metodológica das pesquisas de cunho (auto)biográfico, não só pela literatura produzida e pelos momentos de trocas durante o congresso, mas, igualmen-

te, pelos estudos que oportuniza mediante os Encontros Regionais de Pesquisa (Auto)Biográfica, nos interstícios do CIPA e, em especial, por meio das pesquisas em rede que se constituem dentre pesquisas e pesquisadores do país e do exterior que vêm se constituindo ao longo do tempo de forma relevante e frutífera, tanto em produção científica como em significativas e duradouras amizades.

Nesses 20 anos, no que respeita a colegas brasileiros e estrangeiros, o instituinte relativo à produção científica fica evidente na formação de grupos de pesquisa com esses colegas que respondem por escritos, somente no que tange a livros oriundos de textos relativos às edições do CIPA, desde a primeira até a décima oitava⁹, sem contar textos em outras possibilidades como, por exemplo, em dossiês organizados em revistas. Escrevi em um dos textos citados anteriormente que essa dinâmica tem possibilitado rica e diferenciada produção científica fruto do conjunto de condições proporcionadas pelos CIPAs, na qual se pode perceber uma conexão profunda entre o projeto que concebeu o congresso e essa produção. Um levantamento global das publicações decorrentes, o que, neste momento, só tenho possibilidade de realizar apenas quantitativamente, demonstra a existência, por edição, de um livro na primeira edição do evento (599 páginas); dois livros na segunda (728 páginas); uma coleção, intitulada *Pesquisa (Auto)Biográfica e Educação*, com dez títulos, na terceira (2.827 páginas); uma série, denominada *Artes de Viver, Conhecer e Formar*, com seis títulos, na quarta (1.284 páginas); uma coleção, intitulada *Pesquisa (Auto)Biográfica: temas transversais*, com oito títulos, na quinta (2.438 páginas); uma coleção, nomeada *Modos de Viver, Narrar e Guardar*, com sete títulos, na sexta (1.816 páginas); uma coleção denominada Pes-

⁹ No IX CIPA, não houve publicações em virtude da pandemia de covid-19.

quisa (Auto)biográfica: conhecimentos, experiências e sentidos, com seis livros, na sétima (1.905 páginas); uma Coleção: Pesquisa (Auto) Biográfica: mobilidades, incertezas e refigurações identitárias, com sete volumes, na oitava (1.830 páginas).

O total de publicações do CIPA até o momento é de 47 títulos de livros contendo 13.427 páginas, sem computar o montante de livros avulsos e coleções de pesquisadores, do país e do exterior, lançados em edições do CIPA, coleções de livros e expressivo número de textos publicados na Revista da Associação Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica (BIOGraph).

Cabe salientar que na terceira edição do CIPA, em 2008, foi criada a BIOGraph, o que impulsionou, ainda mais, a pesquisa nessa tradição, em nosso país. Logo em seguida, foi criada a *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica*, que, juntamente com os livros cipianos, traz rica contribuição da pesquisa (auto) biográfica para o desenvolvimento da ciência e humana formação.

A situação de instituinte ao longo do tempo, portanto em constante institucionalização, também ocorreu em relação às temáticas gerais escolhidas para conformarem o CIPA em suas edições. Sem excluir temáticas presentes desde o primeiro, o que demonstra em meu entender, uma unidade temática, especialmente a que trata de fundamentos epistemológicos e teórico metodológicos da Pesquisa (Auto)Biográfica que se mantém em todas as edições, cuja relevância é evidente. Mas não só, essa situação da recorrência temática ocorre ao lado de novos e importantes temas que vão se impondo ao longo do tempo, mantendo uma unidade na diversidade (Abrahão, 2018). Diversidade essa que acompanha e, mesmo, se antecipa às novas necessidades e perspectivas dos tempos incertos que temos vivenciado nesses anos. Creio ser possível frisar alguns temas comuns retirados do conjun-

to de títulos das mesas das demais edições do evento: epistemologia, questões de método e empiria estão presentes em todas as edições, desde a primeira, bem como temas que dizem respeito à construção identitária e formação de professores, às questões de história e tempo narrativo, além de dimensões que tratam de vivência, experiência e espaço (auto)biográfico, por exemplo. À medida que as edições iam se sucedendo e as realidades do vivido se impondo, novas temáticas foram se configurando, como: infâncias, juventudes, diálogos intergeracionais, literatura e artes, narrativas digitais, culturas, resistência, empoderamento, gênero e diversidades, democracia, utopia.

As denominações de cada CIPA também demonstram o instituinte desse evento no transcorrer do tempo, a saber: I CIPA: Tema – “A aventura (auto)biográfica: teoria & empiria”; II CIPA: Tema – “Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si”; III CIPA: Tema – “(Auto)biografia: formação, território e saberes”; IV CIPA: Tema – “Espaço(auto)biográfico: artes de viver, conhecer e formar”; V CIPA: Tema – “Pesquisa (Auto)Biográfica: lugares, trajetos e desafios”; VI CIPA: Tema – “Entre o público e o privado: modos de viver, narrar e guardar”; VII CIPA: Tema – “Narrativas (auto)biográficas: conhecimentos, experiências e sentidos”; VIII CIPA: Tema – “Pesquisa (auto)biográfica, mobilidades e incertezas: novos arranjos sociais e refigurações identitárias”; IX CIPA: Tema – “Narrativas em tempos incertos: democracia, memórias e utopias”. O X CIPA, comemorativo aos 20 anos da relevante existência desse evento, ocorrerá em Salvador, de 20 a 23 maio de 2024, sob a presidência de Elizeu Clementino de Sousa, tendo como tema: “Insubordinação da pesquisa (auto)biográfica: democracia, narrativas e outros modos de vida”. Interessante ressaltar que o CIPA sendo um evento itinerante, comemora esse feito, no mesmo local de há 18 anos – II CIPA – tendo o mesmo presidente da edição

anterior. Essa prática já havia ocorrido em relação ao I e V CIPAS, ambos em Porto Alegre, na PUCRS, sob minha presidência.

Finalmente, adicionamos aos movimentos instituintes nas diferentes frentes já tratadas o formato do próprio evento. Iniciamos com a discussão da Pesquisa (Auto)Biográfica em conferências, mesas temáticas, sessões de comunicações, lançamento de livro no I CIPA e, conservando essa configuração, fomos adicionando outras, como simpósios nacionais, simpósios internacionais, rodas de conversa, grupos de pesquisa.

Se atentarmos para o ano da realização do I CIPA – 2004, realmente tratava-se de uma *aventura...*, iniciada no final da década de 1980. Colegas devem lembrar das dificuldades de reconhecimento de pesquisas “fora” dos cânones epistemológicos mais reconhecidos no âmbito das universidades; no meio do caminho, a partir de 2008, os *desafios*; nos anos 2020 e 2022, eram os *tempos incertos*; em 2024, 20 anos depois, que em realidade correspondem a dez edições do evento, já estamos reconhecendo (ou desejando) que, em 2024, a Pesquisa (Auto)Biográfica seja *insubordinada...* Pessoalmente, creio que insubordinada a Pesquisa (Auto)Biográfica tenha sido desde o início, senão não teria sido *aventuosa!*

O instituinte em permanente institucionalização do movimento (auto)biográfico no Brasil

Tentei trazer, neste texto, aspectos do movimento (auto)biográfico no exterior, desde o final dos anos 1970, inícios dos anos 1980, que considero um movimento inspirador e, mais do que isso, apoiador epistemo teórica e empiricamente não só de nossos passos iniciais em Pesquisa (Auto)Biográfica, mas também, inclusive nos dias de hoje, com alguns autores parceiros em nossos grupos de pesquisa.

Na continuidade, procurei destacar esse movimento no Brasil, mediante dois veios da Pesquisa (Auto)Biográfica que, no início e com aquelas inspirações e aportes, foi despontando no país a pesquisa metodologicamente orientada para o trabalho com Histórias de Vida, mais para os últimos anos da década de 1980 e a Pesquisa-Formação, desde inícios dos anos 2000, sem deixar de lembrar que há algum tempo já se tornaram realidade instituinte e em institucionalização pesquisas que operam com outras possibilidades metodológicas como as Pesquisas Narrativas, as Oficinas Biográficas, o trabalho com Diários, as Auto-biografias, para citar apenas algumas possibilidades.

Tratei, a seguir, do entendimento de que o CIPA vem se constituindo como uma experiência instituinte, em razão de contínuo movimento de institucionalização no concerto da pesquisa que opera com o método (auto) biográfico, desde que o CIPA tem capacidade de agregar pesquisadores de diversas regiões brasileiras e que colegas de diferentes países têm possibilitado, ao longo do tempo, um trabalho coletivo de estudo e potente produção bem como de atividades desde o planejamento até a realização do congresso, com continuidade na efetiva participação de pares, colocando lado a lado participantes históricos e novos participantes a cada edição. Essa realidade tem propiciado uma abertura de pensamento e uma vitalidade ao CIPA como promotor de potente ciência que vai evoluindo quanto ao próprio processo investigativo, bem como, em atenção à diversidade das necessidades temáticas e práticas investigativas que se vão fazendo prementes para atender a reclamos atuais de conhecimentos socialmente relevantes. Além das conferências e palestras em mesas e simpósios temáticos, as sessões de comunicações têm oportunizado que estudantes em programas de mestrado e douto-

rado apresentem e discutam seus trabalhos, além da oportunidade de contatarem autores que lhes são de referência.

Outro movimento instituinte foi a criação da BIOGraph, por ocasião do III CIPA, em 2008, e logo após a criação de Diretorias Regionais da BIOGraph: Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste, Sul, institucionalizações que fortalecem esse movimento, promovendo e executando os Encontros Regionais de Pesquisa (Auto)Biográfica, em interstícios dos CIPAs. Essas possibilidades outras de diálogo, estudo, produção, publicação entre pares e grupos de pesquisa tem sido fértil, não somente mediante os livros fruto dos CIPAs, mas também por intermédio da RBPAB e de diversificados fóruns de discussão acadêmica por meio dos estudos efetivados por grupos de pesquisa em rede. Essa realidade tem possibilitado a organização conjunta de pesquisas, de estudos e publicações que têm crescido numericamente, mas não só, igualmente do ponto de vista da consistente e potente elaboração epistemo-teórico metodológica, bem como da diversificação temática e de estudos de interesse operados por meio da Pesquisa (Auto)Biográfica.

Espero que as considerações trazidas neste texto possam ser de contribuição para estudiosas e estudiosos que desejem compreender dimensões instituintes e em constante institucionalização da Pesquisa (Auto)Biográfica no Brasil e, nesse contexto, o CIPA, enquanto elemento histórico social do acontecido e do acontecendo, no âmbito desse movimento que possa ser melhor estudado e compreendido mediante leitura dos textos publicados nos livros e nas coleções fruto das diferentes edições do congresso, bem como dos textos que vêm integrando as edições da RBPAB.

Talvez, caiba parafrasear Pineau (2006), anteriormente referido, sobre três momentos históricos da Pesquisa-Formação e possamos destacar três períodos da Pesquisa (Auto)

Biográfica no Brasil: do final dos anos 1980 a inícios dos anos 2000 a 2006, *aventura (auto) biográfica* (eclosão); a partir de 2008, *desafios (auto)biográficos* (fundacional); nos anos 2020 e 2022 *tempos incertos*; e, na atualidade, *insubordinações (auto)biográficas* (desenvolvimento diferenciado). O que não quer dizer que, pensadas dialeticamente, todas essas dimensões não estejam umas nas outras desde sempre, talvez em nuances diferenciadas a cada momento histórico.

Viva o movimento *aventuroso, desafiador e insubordinado* da Pesquisa (Auto)Biográfica no Brasil, da qual o CIPA é um *aventuroso, desafiador e insubordinado* integrante!

Referências

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)biográfica: movimento instituinte da aventura à insubordinação. In: SUAREZ, Damian. *et al.* (org.). **Narrativas en redes de investigación-formación**: dialogos latinoamericanos. Buenos Aires: UBA, 2024. No prelo.

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Métamémoire-mémoires: le mémorial de Formation. In: PASSEGGI, Maria; DAHET, Véronique (org.). **Mémorial universitaire et de formation**. Une culture narrative dans l'enseignement supérieur brésilien. Paris: L'Harmattan, 2023. p. 139-153.

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Histórias de Vida de destacados educadores brasileiros: unidade na diversidade epistemológica de uma construção em rede de pesquisa. In: SOUZA, Elizeu Clementino; VICENTINI, Paula Perin; LOPES, Celi Espasandin (org.). **Vida, narrativa e resistência**: biografização e emponderamento. Curitiba: CRV, 2018. p. 191-216.

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Dimensões, epistemológicas e metodológicas em pesquisa autobiográfica - eixo de estudo do Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica - CIPA. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo; BARREIRO, Cristhianny Bento (org.). **A nova aventura (auto)biográfica**. Por-

to Alegre: Ed. IPUCRS, 2016. t. 1. p. 289-447.

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Narrando um movimento. *In*: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.). **Pesquisa (auto)biográfica em rede**. Natal: Ed. UFERN; Salvador: Ed. UNEB; Porto Alegre: Ed. IPUCRS, 2012. p. 21-28.

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Historiando os CIPAS em seu acontecendo ... um escrito à guisa de prefácio. *In*: SOUZA, Elizeu Clementino (org.). **Autobiografias, histórias de vida e formação**: pesquisa e ensino. Porto Alegre: Ed. IPUCRS; Salvador: Ed. UNEB, 2006. p. 7-13.

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.). **A aventura (auto)biográfica**: teoria & empiria. Porto Alegre: Ed. IPUCRS, 2004.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). **Pesquisa Participante**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Abordagens teórico-metodológicas da formação de professores em dois tempos: olhares sobre o CIPA I (2004) e o CIPA V (2012). **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 1, n. 1, p. p. 31-45, 2016. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/2519> Acesso em: 20 dez. 2023.

CARR, Wilfred; KEMMIS, Stephen. **Becoming Critical**: education, knowledge and action research. London: The Palmer Press, 1986.

CATANI, Denice Barbara; VICENTINI, Paula Perin. Lugares sociais e inserção profissional: o magistério como modo de vida nas autobiografias de professores. *In*: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.). **A aventura (auto)biográfica**: teoria & empiria. Porto Alegre: Ed. IPUCRS, 2004. p. 267-292.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biographie et Éducation**: figures de l'individu-projet. Paris: Anthropos, 2003.

EZPELETA, Justa; ROCKWELL, Elsie. **Pesquisa Participante**. São Paulo: Cortez, 1986.

FALS BORDA, Orlando. **Por la praxis**: cómo estudiar la realidad para transformarla. Bogotá: Punta de Lanza, 1977.

GOODSON, Ivor. Life stories and the study of schooling. **Interchange**, Toronto, v. 11, n. 4, p. 62-76, 1981.

GOODSON, Ivor. **Studying Teacher's Lives**. London: Routledge, 1992.

GOODSON, Ivor. Developing life and workhistories of teachers. *In*: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.). **A Aventura (auto)biográfica**: teoria & empiria. Porto Alegre: Ed. IPUCRS, 2004. p. 245-266.

JOSSO, Marie-Christine. A metanoia: um processo biográfico de mudança de paradigma. *In*: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto Abrahão et al. (org.). **A nova aventura (auto)biográfica**. Porto Alegre: Ed. IPUCRS, 2018. t. 3. p. 317-354.

JOSSO, Marie-Christine. **Cheminer vers soi**. Lausanne: L'Age d' Homme, 1991.

JOSSO, Marie-Christine. **Caminhar para si**. Porto Alegre: Ed. IPUC, 2010.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Lisboa: EDUCA, 2002.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 1996.

NÓVOA, António; FINGER, Matthias (org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde, 1988.

NÓVOA, António. **Vidas de Professores**. Porto: Porto Editora, 1992.

PINEAU, Gaston. As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 329-343, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/vBbLxwHQHLFnfr-S48HYbhw/abstract/?lang=pt> Acesso em: 20 dez. 2023.

PINEAU, Gaston; MARIE-MICHELE. **Produir sa vie**: autoformation et autobiographie. Montréal: Éditions Saint-Martin, 1983.

SOARES, Magda. **Metamemória-memórias**: travessia

de uma educadora. São Paulo: Cortez, 1991.

SOUZA, Elizeu Clementino ; PASSEGGI, Maria. Mémorial d'enseignants et mouvement biographique au Brésil. *In*: PASSEGGI, Maria; DAHET, Véronique (org.). **Mémorial universitaire et de formation**. Une culture narrative dans l'enseignement supérieur brésilien. Paris: L'Harmattan, 2023. p. 117-137.

SOUZA, Elizeu Clementino. O conhecimento de si, as narrativas de formação e o estágio: reflexões teórico-metodológicas sobre uma abordagem experiencial de formação inicial de professores. *In*: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.). **A Aventura (Auto)Biográfica: teoria & empiria**. Porto

Alegre: 2004. p. 385-386.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Cortez, 1985.

THOMPSON, Paul. **The voice of the past**. Oral History. Oxford: Oxford University Press, 1978.

Recebido em: 04/01/2024

Revisado em: 28/04/2024

Aprovado em: 07/05/2024

Publicado em: 21/05/2024

Maria Helena Menna Barreto Abrahão é pesquisadora sênior do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Docente permanente na Faculdade de Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Integra o Programa de Pesquisa do Centro de Investigação em Aprendizagem Autorregulada (PEAAR) da Universidade de Lisboa (ULisboa). Sócia honorária da Associação Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica, integrando o Conselho de Publicação, desde 2008. *E-mail*: abrahaomhmb@gmail.com